

## A gênese da sociologia crítica de Pierre Bourdieu

Helenice Rodrigues da Silva\*

### Resumo:

Este texto propõe, sumariamente, esboçar o início de seu trabalho intelectual, procurando ressaltar as condições determinantes (objetivas e subjetivas) que conduziram Pierre Bourdieu a forjar seus conceitos teóricos. Para isto serão revisitados os lugares de sua formação educacional, as matrizes sociológicas e filosóficas de seu pensamento, seus primeiros deslocamentos espaciais e epistemológicos, que permitem, em parte, explicar a proveniência das relações por ele estabelecidas, desde o princípio, entre práticas culturais e origens sociais.

**Palavras-chave:** “produção intelectual”, “os herdeiros”, “capital simbólico”

### Abstract:

This text proposes to briefly outline the origins of Pierre Bourdieu's intellectual work, by highlighting the fundamental conditions (objective and subjective) that led him to build his theoretical concepts. In order to achieve this objective, we shall revisit the places of his education, the sociological and philosophical foundation of his thought, his first spatial and epistemological trajectory. This will allow us, in part, to explain the source of the relationship he established between cultural practices and social origins.

**Key words:** “intellectual production”, “heirs”, “symbolic capital”.



\* HELENICE RODRIGUES DA SILVA é Doutora pela Université de Paris X – Nanterre e Professora Associada do Departamento de História da UFPR.



Ocupação da *Ecole Normale Supérieure*, Paris, 1998.  
 Fonte: "Le Nouvel Observateur" do 31 janeiro-6 fevereiro de 2002.

Se a obra de Pierre Bourdieu constitui uma das mais importantes contribuições à renovação da sociologia crítica, ela permite, também, a reflexão de múltiplos objetos das ciências humanas. Dos *Herdeiros à Nobreza do Estado*, passando pela *Distinção*, sua sociologia se constrói em torno do desvendamento das relações de força e dos mecanismos invisíveis que se estabelecem no corpo social.

Como muitas das grandes obras, seu pensamento tem por raízes sua própria experiência de vida. Assim, em sua última publicação sobre o *Esboço de auto-análise*, situada a meio caminho de uma autobiografia intelectual e um estudo do campo universitário francês, permanece evidente a origem de suas concepções entre desigualdades sociais e práticas culturais. Oriundo de uma família modesta do Bearn (sul da França), ele ingressa na prestigiosa *École Normale Supérieure*, formadora da elite parisiense e vivencia cotidianamente, pela linguagem e comportamento, as diferenças sócio-culturais. Confrontado à arrogância de uma “nobreza” estudantil, constituída por esses jovens letrados, este estudante provinciano de descendência camponesa, experimenta a sensação de ser estranho, de estar “fora de lugar” e

se propõe a uma crítica do funcionamento sutil das desigualdades sociais face à cultura. Desta situação origina sua concepção de “dominação simbólica”. Desprovido de toda forma de “capital” (não só econômica, mas, sobretudo, sócio-cultural), Bourdieu pretende fundamentar sua sociologia a partir da relação estabelecida entre práticas culturais e origens sociais.

Data, portanto, do início de sua formação educacional sua intenção constante e obsessiva de denunciar o funcionamento do social e os “herdeiros”, esses detentores de diferentes formas de “capital”, entre elas: a cultura e a linguagem. Sem possuir nem a habilidade na linguagem, nem a facilidade da escrita, sua comunicação será objeto de um “esforço permanente de autocontrole”<sup>1</sup>.

Portanto, é dessa consciência de uma defasagem social em termos culturais que emergem seus conceitos fundadores.

Em *Les Héritiers* (1964<sup>2</sup>), Bourdieu analisa essa elite intelectual que recebe como herança valores (materiais e imateriais), que não são necessariamente transmitidos pelo dinheiro: o “capital cultural”. Originário de um outro meio social, desprovido de “capital simbólico”, ele “vê o que os outros não vêem”: “os códigos implícitos, os hábitos rotineiros e os alicerces que governam o mundo das idéias” (DORTIER, 2005). Deslocado nesse microcosmo intelectual, representado pelas “grandes écoles”, Bourdieu pensa o funcionamento da sociedade como um sistema de dominação.

### Matrizes intelectuais da sua sociologia

A inexistência, na França, de cursos de graduação em sociologia, no início dos

<sup>1</sup> Cf. DORTIER, Jean-François; “BOURDIEU, Pierre – l’anti-héritier»; in: *Une histoire des sciences humaines*, Paris, Editions Sciences Humaines, 2005.

<sup>2</sup> Incompreensivelmente, esse livro jamais foi traduzido no Brasil.

anos 1950<sup>3</sup>, conduz um grande número de futuros sociólogos a uma passagem obrigatória pela filosofia. Iniciada na École Normale Supérieure<sup>4</sup>, onde ele passa o concurso da “agrégation”, indispensável à toda carreira docente na França, sua formação se diversifica ao longo da década seguinte. Filósofo de formação, Pierre Bourdieu constrói sua démarche teórica a partir de rupturas feitas, inicialmente, com a filosofia tradicional (considerada por ele “intellectualiste”), em seguida, com o subjetivismo de Sartre e, finalmente, com o estruturalismo de Lévi-Strauss. (MOUNIER, 2001)

Sobre essa ruptura intelectual, ele escreve, em *Coisas Ditas*: “a [minha] intenção de ruptura, ou melhor, de “transgressão” se orientava em direção aos poderes instituídos e, principalmente, contra a instituição universitária, e contra tudo que ela continha de violência, de impostura, de idiotice canonizada e, através dela, contra a ordem social”. (BOURDIEU, 1987).

No contexto intelectual francês da metade da década de 1950, marcado pelo enfraquecimento do existencialismo e pela ascensão do estruturalismo, Merleau-Ponty passa a ocupar um lugar a parte na formação intelectual de Bourdieu. Sua *fenomenologia da percepção* servirá de referência à construção do conceito bourdiano de *habitus*, enquanto forma perceptiva de ação, e não enquanto representação teórica do mundo.

---

<sup>3</sup> A criação da graduação em sociologia data de 1958.

<sup>4</sup> Uma das chamadas “grandes écoles” de formação superior de estudos filosóficos e também literatos. Para a entrada nesta “grande escola”, Bourdieu ingressou no renomado liceu, “Louis Le Grand” em Paris, para a difícil preparação de entrada na ENS.

Sua formação teórica terá ainda por referência o pensamento de Marx (a sociedade é constitutiva de classes sociais em luta para a apropriação de diferentes “capitais”), de Weber (os indivíduos elaboram representações para dar sentido à realidade social) e de Durkheim (o conhecimento científico do mundo social é possível). A partir dos mesmos, Bourdieu elabora uma forma particular de raciocínio onde teoria e prática são indissociáveis. Em suma, a idéia de uma luta entre grupos sociais, as relações de dominação que são da ordem do sentido, a ligação entre categorias mentais e sociais o conduzem à construção de uma sociologia reflexiva. Esquemmatizando ao extremo suas concepções intelectuais, é importante salientar sua negação às oposições tradicionais em sociologia (subjetivismo/objetivismo, teórico/empírico, holismo<sup>5</sup>/individualismo, etc.). Esse pensamento das relações, na abordagem das realidades sociais, inscreve-se dentro da chamada sociologia construtivista<sup>6</sup>.

Em oposição às separações das disciplinas entre elas e aos conformismos acadêmicos, Pierre Bourdieu tenta ultrapassar as fronteiras da sociologia, percorrendo a filosofia, a economia, as ciências sociais, a análise da linguagem em busca da aplicação de um maior rigor às suas análises sociológicas.

Conhecer a gênese de sua obra, fruto de sua trajetória individual e coletiva (seus

---

<sup>5</sup> Em ciências sociais, o holismo designa os fenômenos sociais sob o ângulo exclusivo das lógicas coletivas em detrimento da ação individual.

<sup>6</sup> Segundo essa abordagem, os indivíduos participam, permanentemente, da edificação do mundo, seja através de suas ações e reações recíprocas, seja através de suas representações (crenças, saberes, competências) que orientam suas condutas e suas ações. Em sociologia, esse termo remete à idéia de uma construção permanente das relações sociais. Aparentemente naturais, as maneiras de falar, vestir, comer, são o produto de uma aprendizagem interiorizada das normas sociais (ELIAS, N.; BOURDIEU, P.).

colaboradores, suas publicações e centros de pesquisas), possibilita, paralelamente, uma melhor compreensão das “leis invisíveis do pensamento” e uma maior inteligibilidade do “campo” intelectual francês. Articulando os três conceitos-chave (*habitus, campo, capital*), Bourdieu tem por proposta revelar as regras do jogo desse microcosmo acadêmico (*Homus academicus*). O mecanismo invisível da seleção social, por via da escola (*A reprodução*, 1970), e a transmissão de uma herança cultural não perceptível (*Os herdeiros*, 1966), constituem um dos primeiros objetos de sua sociologia crítica. O funcionamento dessas desigualdades ocultas face à cultura aparece como uma das dimensões mais conhecidas de sua obra. A noção de “capital” representa, conseqüentemente, a dimensão simbólica da dominação e será utilizada nas pesquisas seguintes sobre o significado dos museus (*L’amour de l’art*, 1969) ou da fotografia (*Un art moyen*, 1965), ou ainda na sua obra *La distinction*, 1979.

Ora, seu conceito de “capital simbólico” remete, de maneira exemplar, a uma concepção de dominação do mundo social, em geral, e das tradições acadêmicas, em particular. As práticas culturais se atrelam à origem social. Essa máxima o leva a fazer da sociologia reflexiva uma disciplina de desmistificação e de combate. No entanto, a construção dos demais conceitos fundadores (*campo, habitus, violência simbólica*), originários de sua pesquisa de campo na Kabília e no Bearn, que caracterizam uma posição da prática dentro da teoria, ultrapassa a simples intenção de desvendamento para se transformar em categorias de análise dos campos literário, artístico e filosófico.

Suas intervenções diretas no debate público, sua militância política, nos anos 1990, não expressariam sua própria concepção de uma ação sociológica?

A diversidade das temáticas por ele abordadas parece, no entanto, se adequar a uma mesma unidade teórica. Em ruptura com certas tradições acadêmicas, dominantes na época (estruturalismo, por exemplo) e impregnadas por uma concepção de dominação do mundo social, Bourdieu faz da sociologia reflexiva uma disciplina de desmistificação e de combate.

### **Da antropologia à sociologia: da prática à reflexão**

Recém formado na ENS, Bourdieu é requisitado para prestar serviço militar na Argélia. Data de 1958, seu primeiro livro *Sociologia da Argélia*<sup>7</sup> que, em plena guerra da Argélia, denuncia o colonialismo. Mas será na qualidade de professor da faculdade de ciências sociais de Argel (no final desta guerra) que Pierre Bourdieu dá início a um trabalho de pesquisa de campo, qualificado de etnológico. Nesse momento de descolonização e de transição da economia argelina em direção ao capitalismo<sup>8</sup>, ele realiza os ensaios sobre “A casa Kabília ou o mundo invertido”, “O sentimento de honra”, servindo-se das formas de análise de Lévi-Strauss do universo indígena embora ressentindo as insuficiências desse tipo de análise. Um terceiro “ensaio de etnologia Kabília”, intitulado “O parentesco como representação e como vontade” marca, no entanto, sua ruptura com a antropologia estrutural. Bourdieu é consciente da impossibilidade de aplicar às práticas matrimoniais árabes as regras e as estruturas da antropologia clássica. Segundo ele, a utilização ingênua da noção de regra e de modelo, que só pode ter

<sup>7</sup> Coleção “Que sais-je?”, que é reeditado nos anos 2000.

<sup>8</sup> BOURDIEU, Pierre. *Le déracinement*. Paris, Minuit, 1964. Ele escreve também *O trabalho e os trabalhadores na Argélia* (1963).

sentido do ponto de vista teórico, é inteiramente ineficaz quando se trata de analisar as dimensões práticas. Aprofundando uma reflexão teórica, iniciada anteriormente, Bourdieu designa a noção da “prática” como objeto de sua análise sociológica, nas suas duas obras posteriores: *Esboço de uma teoria da prática* (1972) e *O sentido prático* (1980).

Assim, uma parte importante dos conceitos sociológicos bourdieus emerge dessa ruptura clássica, notadamente a noção de “prática” utilizada para designar, ao mesmo tempo, o objeto de sua análise sociológica e a característica de sua sociologia. A utilização desse termo remete, sobretudo, à oposição da sociologia das representações que fundamenta a antropologia estrutural. Em outros termos, Bourdieu considera o “sentido prático”, que significa a prática da prática e a possibilidade de ação sem ter que passar pela elaboração de uma razão teórica da ação (a lógica da lógica).

Em seu estudo sobre Bourdieu e a “douta ignorância”<sup>9</sup> (que são as chamadas “estratégias inconscientes”), Michel de Certeau empreende uma bela leitura da teoria da prática como teoria do *habitus*. Segundo esse historiador, a análise de uma “outra” sociedade (a Kabília e o Bearn) vai permitir a passagem do observável ao sistematizado, ou seja, o etnólogo (com seu trabalho de campo) transforma-se em sociólogo (com seu trabalho reflexivo ou teórico). A “casa” kabiliana será um fragmento de sociedade e de análise, em outras palavras, ela constitui a origem do *habitus*.

Suas pesquisas de campo: no Bearn, o sistema de sucessão ou de transmissão da herança, na Kabília, o interior da casa, a repartição das tarefas e dos períodos no calendário kabiliano, possibilitaram a compreensão das “estratégias”, dos “princípios implícitos” ou postulados, da interiorização das estruturas (as aquisições), a exteriorização do adquirido pelas práticas. A “teoria” para Bourdieu é, portanto, o reajuste das práticas às estruturas objetivas, trabalhadas pelos sociólogos a partir das “regularidades” estabelecidas pelas pesquisas empíricas. A explicação da gênese das práticas, ou seja, a sua adequação à teoria, é elaborada pela teoria. A teoria da ação exposta nas duas obras: “O sentido prático” e “Esboço de uma teoria da prática” é assim “antiintelectualista”.

Segundo Bourdieu, nós incorporamos as regularidades do mundo social através das disposições do agir, do pensar e do sentir (*habitus*) ajustadas a esse mundo. A gênese da prática – o *habitus* – implica, portanto, uma interiorização das estruturas sociais (aquisições) e uma exteriorização do adquirido pela prática (as “disposições”); razão pela qual nossas estratégias fogem a uma consciência de nossa ação.

### ***Habitus, campo, capital, violência simbólica***

No processo da tentativa de definição do “sentido prático”, Bourdieu elaborou o conceito de *habitus* que se torna o eixo de sua teoria. Essa noção visa a demonstrar tanto os determinismos inconscientes que pesam sobre nossas representações (a história incorporada), como também as capacidades estratégicas e criativas (“estruturas estruturadas e estruturantes”). Ele define o *habitus* como “um sistema de disposições duráveis”, que funciona como um princípio gerador e organizador de práticas e representações. Em outras palavras, produto de aprendizagem inconsciente, ele é um programa de comportamento que permite agir e pensar

<sup>9</sup> CERTEAU de, Michel. *A invenção do cotidiano; artes de fazer*, Petrópolis, Vozes, vol. 1, 1995, pp.111.

em um determinado meio social. Todos nós somos produtos do nosso meio e prisioneiros de uma forma determinada de ação. Ora, a teoria do *habitus* apresenta tanto um certo determinismo como o seu contrário: a ficção de um indivíduo autônomo, livre e racional.

O *campo*, segundo Bourdieu, é um “microcosmo autônomo dentro de um macrocosmo social”. Aquele que ingressa um campo deve saber dominar os códigos e as regras internas. Sob o modelo dos campos magnéticos em física, um campo é também concebido como um campo de força. Lugar de luta entre os indivíduos e os clãs, que procuram se apropriar de “poderes” no plano internacional (conquistar cargos, lugares, etc.), essa luta se trava no plano simbólico: a *violência simbólica* constitui um outro mecanismo central na obra de Bourdieu.

### Criticas a Pierre Bourdieu

Se a sua obra, fundada na *teoria da prática*, contribui à renovação da sociologia crítica e à reflexão de múltiplos objetos das ciências humanas, ela não deixa de representar, segundo seus detratores, uma forma de militância científica e política. Ora, forjada a partir de paradigmas cientificistas (estruturalismo, marxismo), nos anos 50 e 60, ela imprime os valores do “campo” intelectual e as grades de análise vigentes. O “sistema de dominação” inspira o pensamento desse momento. Nos dizeres do autor, sua sociologia é uma “arma teórica”, um “esporte de combate”.

A dificuldade sentida pelo autor em conciliar as ações dos atores (seus discursos sobre os mecanismos “desconhecidos” do mundo social) à necessidade de objetivar uma posição intelectual, o conduz, posteriormente, à publicação de *Meditações Pascalinas*. (BOURDIEU: 2001). No entanto, a

ameaça de uma neutralidade científica se contrapõe à exigência da historicidade dos objetos analisados. Bourdieu denuncia o perigo de um “esquecimento da história”. Segundo o mesmo, todo trabalho sobre o conhecimento deve se referenciar às suas determinações específicas<sup>10</sup>. Nesse sentido, sua sociológica se distingue pela sua relação constante à história. Esse caráter histórico e antropológico de sua sociologia é facilmente detectável na leitura de sua revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*.

“Posso afirmar que um dos (...) combates desta revista foi favorecer a emergência de uma ciência social unificada, onde a história seria uma sociologia histórica do passado e a sociologia uma história social do presente”.

Transgredindo as fronteiras intelectuais e disciplinares, sua obra historiciza a sociologia, rompendo com a ilusão da marca do presente em uma pesquisa. Assim, a compreensão do objeto estudado depende do constato de que todo objeto histórico é social e que todo objeto social é o produto da história.

Embora reconhecido como o maior sociólogo francês do final do século XX, Pierre Bourdieu foi objeto de severas críticas, notadamente, na França. Se os seus detratores reconhecem o valor heurístico da noção de *habitus*, eles recusam adotá-lo como um programa rígido de comportamento. Sua obra é acusada de ser determinista. Sua “visão implacável da dominação pelo *habitus* ou a violência simbólica não permite se dar conta dos processos de transformação ou de emancipação”<sup>11</sup>. Outra crítica à sociologia de Bourdieu, fundada numa concepção de dominados e de dominadores, é ultrapassada na sociedade

<sup>10</sup>

[http://www.lemonde.fr/imprimer\\_article/0,6063,260083,00.html](http://www.lemonde.fr/imprimer_article/0,6063,260083,00.html)

<sup>11</sup> DORTIER, Jean-François. op.cit., p. 330.

pós-industrial. A teoria da reprodução negligencia o papel dos atores e a do *habitus* recusa toda a liberdade do ator social. Sua teoria é, portanto, estática e

nega a idéia de transformação e, portanto, a própria história. Ora, como um ser racional, afirmam seus críticos, o indivíduo é dotado de uma capacidade de ação.